

Titulo: **Brincas de Évora**

Página Web e Vídeo: <http://www.memoriamedia.net/index.php/brincas-de-evora>

Resumo

**Grupo de Brincas dos Canaviais, representação da Tragédia de Pedro e Inês, durante o Carnaval de 2015.**

As Brincas de Évora são uma forma de teatro comunitário que acontece durante o Carnaval. Organizadas por grupos informais que escolhem e ensaiam textos escritos em décimas, as Brincas misturam tragédias e dramas como este “D. Pedro I” com a intervenção constante de palhaços faz-tudo. São representadas na rua, em praças e pátios ou mesmo em espaços fechados se estiver a chover, nas freguesias rurais de Évora.



## Caracterização

As Brincas Carnavalescas são uma antiga tradição performativa da região de Évora. Esta forma dramática, parente de outras tradições performativas nacionais e internacionais (Floripes do Minho, Papeladas de Valongo, Danças dramáticas da Terceira, Tchiloli de São Tomé, Bumba meu Boi e Cavalinho de múltiplas regiões do Brasil) é constituída por um grupo de homens e rapazes que vai soltando décimas, numa cadência ritmada bem audível e, dessa forma, co(a)ntam uma antiga história (Fundamentos). Pelo meio, um trio de faz-tudos desafia e intromete-se com a assistência, contrastando nitidamente com o apumado figurino dos restantes performers: calça, casaco e chapéu escuros atravessados por fitas de seda coloridas pespontadas com flores de papel. Uma marcha lenta evolui coreograficamente em torno de um estandarte, coordenados pelo Mestre, ao som do acordeão e percussões, desembocando num círculo perfeito.

A visão “pretérita”, ou seja, o peso imemorial da tradição com que alguns definem as Brincas como tendo sido muito características da região, mas como algo em desaparecimento ou já perdido, sobrepõe-se claramente ao que ano após ano vamos ainda assistido no ‘aqui e agora”, teimosamente realizado pelo Grupo de Brincas dos Canaviais (um dos poucos grupos em actividade!) que as preparam e ensaiam durante as longas noites frias de Inverno na Casa do Povo dos Canaviais.

Independentemente da narrativa em questão, que introduz a diferenciação ao nível temático e de personagens, existem figuras que se mantêm e que adquirem uma centralidade que lhes confere a “identidade” de fundamento de brincas: o Mestre (apresentador das Brincas, ensaiador e detentor do saber), o Bandeira (porta Estandarte do Grupo), o Acordeonista e os Faz-tudo.

Duma forma geral os participantes/atores evocam e apropriam-se das personagens através dos figurinos e adereços que usam. A criação da “figura” é realizada com o recurso a formas simples de fácil identificação, quer individualmente quer de grupos. Recorrem ao uso de adornos e objetos: coroas, chifres, chapéus, espadas, cruces e chocalhos, mantos e xales.... E o uso da máscara impera, mesmo que, como ocorre nas Brincas, ela seja substituída por “óculos escuros”, que aqui desempenham essa mesma função mediadora.

Isabel Bezelga

A estrutura de atuação das Brincas, nesta sessão que gravámos, foi a seguinte:



O Mestre conduz o agrupamento na apresentação à comunidade. Após a música de abertura que sinaliza a chegada do grupo, o Mestre faz o pedido de atuação dirigido ao representante da comunidade (“Dono do Lugar” ou “Dono da Rua”).



Dada a autorização começa uma contradança que termina com a colocação dos participantes em círculo fechado, ocupando as posições que cada personagem tem durante o desenvolvimento do espetáculo. O mestre inicia o prólogo que resume a proposta dramática.



A peça desenrola-se mantendo o círculo. Os atores deslocam-se dentro do círculo de acordo com as suas intervenções e retomam o seu lugar quando terminam enquanto os Faz-tudo pontuam o espetáculo com intervenções quase contínuas que retiram o dramatismo às situações criadas.



Finalizada a peça, o fundamento, o Mestre faz um apelo à doação a que se segue um entremez dos Faz-tudo enquanto se recolhem as moedas atiradas para o círculo pelos espectadores.



Depois o porta-bandeira posiciona-se no centro da roda e segue-se o momento da “Décima à Bandeira” em que cada ator avança e numa décima resume o seu personagem terminando sempre com o nome do grupo/fundamento.



Segue-se a última contradança após a qual o Mestre se despede do representante da comunidade. O grupo retira-se continuando a tocar e exclama em uníssono: “Até pró Ano”.



## A Bandeira



“A brinca reúne-se por vezes em redor de uma bandeira, mastro ou estandarte, por vezes ostentando a bandeira nacional e o nome da brinca, enfeitado artisticamente com armações diversas, papéis coloridos, fitas de seda, etc., dependendo a decoração, em última análise, do gosto e das possibilidades dos elementos constituintes do grupo. A bandeira é um factor de coesão do grupo e emblema da Brinca, eixo-força do círculo da dramatização do fundamento” (Arimateia, 2009:10).

## O Mestre



“Tradicionalmente, é visto como uma autoridade assumida e reconhecida enquanto tal pelos restantes companheiros. Em princípio, terá recebido o testemunho de um mestre mais antigo.

É, regra geral, o ensaiador. A sua função é mandar a música, orientar a brinca, explicar, apresentar e agradecer ao dono do lugar durante a estadia e representação do seu grupo nesse local. É o que responde ao despique  em décimas  
outra brinca se cruzar com a dele, se não chegarem a bom termo as necessárias negociações para esclarecer e definir de qual brinca actuará em primeiro lugar em dado local.

Possui gestos estereotipados que marcam o ritmo da música, através de movimentos mais os menos bruscos, mas ritmados e cadenciados, das mãos, segurando por vezes fitas coloridas.

Ao som de um apito, manda executar as várias marcações das contradanças e das outras movimentações coreográficas” (Arimateia, 2009:9).

## O Palhaço



«A alma da brinca, para quem a representa, é o fundamento; e para quem a presencia são os palhaços», segundo depoimento de Mestre de Brinca.

É o Faz-Tudo. Serve de ponto, serve igualmente para tapar os enganos dos companheiros. A sua fala é de improviso.

Tem uma função essencialmente desorganizadora e anomista na ordem dramática decorrente durante a representação. É um provocador de situações absurdas, irracionais, cómicas...

É, por outro lado, o elemento dinâmico que intervém ao longo de todo o tempo da representação. É o grande elo de ligação entre o círculo onde decorre aquela representação e o próprio povo que assiste e que, subitamente, se encontra envolvido no processo dramático, é obrigado a isso pelas brincadeiras dos palhaços, transferindo para o referido espaço cénico os seus sentimentos mais profundos e as suas reacções mais primárias, mais espontâneas.

Inserido e simultaneamente elemento exógeno de toda a dramaturgia, o palhaço intervém para quebrar as tensões e as próprias mensagens veiculadas pelos personagens ao longo da narração e, especialmente, nos momentos críticos de grande tragédia vivencial.

«Os palhaços fazem tudo ao contrário e quanto mais ao contrário mais graça têm.»

O palhaço é o elemento, digamos assim, que retira o eventual excesso de densidade dramática da acção, conferindo-lhe uma frescura e um à vontade frequentemente excessivo, por vezes obsceno para a moralidade e o sistema de regras em vigor, o senso comum, mas, é Carnaval... "(Arimateia, 2009:8-9).

## Os actores



Voluntários do grupo a quem é distribuído um personagem do fundamento. Decoram as suas falas em décimas. São dirigidos pelo mestre, sobretudo no que diz respeito a dicção das décimas. Cada grupo desenvolve o seu modo de cante do texto. As movimentações cénicas dos actores são geralmente marcadas no fundamento e interpretadas pelo Mestre. O registo geral da performance não é rígido, deixando ao actor a gestão do tempo e da atitude. Tratando-se de um registo carnavalesco, é grande a permeabilidade da atitude do actor a todas as ações externas ao seu desempenho (as interferências dos palhaços e do público). Os atores são em simultâneo os músicos do grupo.

## O espaço cénico

Espaço ar livre, preferencialmente, em que os actores estabelecem um círculo interno, em que todos se veem. O público distribui-se no exterior deste círculo. Cada personagem tem um lugar pré-definido que mantém durante a peça. As interações entre personagens fazem-se por deslocação dos actores que, quando terminam a sua intervenção voltam ao lugar inicial.

Os palhaços não estão constringidos a esta formação, deslocando-se livremente por dentro e por fora do espaço cénico.



## Figurinos e adereços.

“ Na generalidade das Brincas, assiste-se a um verdadeiro eclectismo no uso de figurinos e adereços que, em certa medida, ignoram completamente a tradicional unidade de espaço e tempo. Nos figurinos, encontramos o Figurino tradicional, o figurino adaptado à personagem do Fundamento e os Figurinos dos Faz-Tudo.

(...)

O aluguer de fatos era uma prática comum, até porque não dispunham de um guarda-roupa que lhes permitisse fazer face à uniformização pretendida. O fato seria o do casamento o que, dada a faixa etária relativamente jovem que tradicionalmente compunha os grupos de Brincas, para muitos ainda não teria acontecido: “Para os fatos íamos ali à Rua de Machede, havia lá uma loja onde íamos alugar os fatos. Agora não, agora já se fazem os fatos (...) mas antigamente não, a gente alugava sempre os fatos.

Havia uma pessoa, que agora até já deve ter falecido, também na Rua dos Mercadores, que também alugava. Tanto para o Mestre como para as outras personagens” ‘ILMB’. Na sequência da realização dos Carnavais de Évora, foi muitas vezes o CENDREV quem emprestou apontamentos do seu guarda-roupa aos performers das Brincas.

Actualmente, assiste-se a uma maior facilidade de aquisição das roupas e adereços, devido a uma significativa melhoria das condições sócio-económicas.



Os fatos tradicionais usados nas Brincas têm por base um casaco, calça e chapéu escuros e camisa branca. No entanto, o que lhes transmite as características de "figurino tradicional de Brincas" é a colocação de fitas e flores e o enfeite dos chapéus.

(...)

A confecção doméstica é um aspecto importante no envolvimento de todos os que

participam na performance. As redes familiares e de vizinhança facilmente se activavam nesta ocasião até porque não põe em causa o segredo do tema/fundamento. As flores, maioritariamente continuam a ser feitas de papel, na linha de uma tradição presente ainda no Alentejo” (Bezelga, 2012: 340-345).

Relativamente aos adereços podemos considerar três tipos:

Os adereços que têm uma carga simbólica específica no Grupo, como, por exemplo, o ponteiro e o apito do Mestre, o Mastro com a bandeira ou estandarte do Grupo (decorados com fitas) e ainda o "apoio" dos Faz-tudo; os adereços de cena: os volumosos suportes cenográficos ou os poucos e pequenos objectos que estão directamente relacionados com o enredo dramático; os mil e um objectos dos Faz-Tudo que, dentro de várias malas, vão sendo acumulados no decorrer das várias apresentações da performance e que invadem toda a roda em momentos ritualizados do jogo dos Faz-Tudo.” (Bezelga, 2012)



## Origem

Não foram encontrados registos relacionados com as Brincas anteriores ao início do séc. XX. Uma das explicações para esta falta de registos históricos pode estar relacionada com o facto dos participantes mais velhos serem maioritariamente analfabetos e pobres, situando-se fora da notabilidade histórica. Existem algumas relações de cumplicidade entre os textos dos fundamentos e os textos teatrais em folhetos de cordel. Como exemplo, o Mestre Matias, na entrevista de Isabel Bezelga, refere a existência de um fundamento do "João de Calais", conhecido cordel que parece ter origem francesa, onde foi impresso pela primeira vez em forma literária, mas com dezenas de versões de cordel em Portugal e, sobretudo, no Brasil. O mesmo Mestre diz-nos que já o avô era mestre de brincas, e calcula em 100 anos as memórias familiares sobre esta prática. Há, ainda, todo um trabalho de investigação a realizar para traçar a presença de manifestações teatrais populares no Alentejo que terá de relacionar a explosão teatral do Século de Ouro Espanhol com o facto de Évora se encontrar no caminho das trupes, entre Sevilha e Lisboa.



## Bibliografia consultada

ARIMATEIA, Rui (2009), *As brincas carnavalescas da região de Évora*. CMÉvora in [http://www.academia.edu/7956555/AS BRINCAS CARNAVALESCAS DA REGI%C3%83O DE %C3%89VORA](http://www.academia.edu/7956555/AS_BRINCAS_CARNAVALESCAS_DA_REGI%C3%83O_DE_%C3%89VORA)  
[Consultado em 25-06-2015]

BEZELGA, Isabel Gonçalves (2012), *Performance tradicional e teatro e comunidade: Interações, contributos e desafios contemporâneos - o caso das brincas de Évora*. Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em Estudos Teatrais. (Não publicado).

## Outros Links de textos online sobre as Brincas:

O TEATRO POPULAR EM PORTUGAL - AS «BRINCAS» / ÉVORA (III)  
SOLEDADE MARTINHO COSTA  
<http://sarrabal.blogs.sapo.pt/78265.html>

Manifestações de teatralidade popular: As Brincas de Évora  
Isabel Bezelga  
<http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/7421/1/Brincas%20de%20%C3%A9vora-um%20paradigma%20da%20teatralidade%20popular%20oralities.pdf>

Fotos: José Barbieri, Fevereiro 2015  
Imagem de Fundamento: Isabel Bezelga